
Trabalhador idoso no mercado de trabalho: *cluster* é uma alternativa?

Agin worker in job market: is cluster an alternative?

*Flávio Henrique dos Santos Foguel
Miguel Arantes Normanha Filho*

RESUMO

Este artigo aborda a questão da reinserção do trabalhador idoso, operário especializado ligado ao setor produtivo de micro, pequenas e médias empresas, com satisfação e dignidade em *cluster* (aglomeração geográfica de empresas interconectadas de segmentos específicos e/ou correlatos) ou arranjo produtivo local, definida, para o estudo, como comunidade. Advoga o uso da experiência adquirida pelo idoso ao longo dos anos como um multiplicador de conhecimento, trazendo como consequência a permanência das novas gerações nas comunidades, ocasionando um desenvolvimento sustentável e, de forma secundária, porém relevante, a valorização e a perpetuação da cultura local. Estudar a questão justifica-se pela necessidade de um maior comprometimento e esforço de todos os setores da sociedade na criação de novos paradigmas para o trabalho com a reinserção do idoso, compatibilizando a entrada, ano a ano, do contingente de jovens trabalhadores e das ações em comunidades. Um esforço que preserve os benefícios dos mercados competitivos, com regras e fronteiras claras, mantendo o desenvolvimento humano e a equidade como objetivos principais; que amplie o foco da formação da criança e do jovem para o mercado de trabalho absurdamente competitivo, criando condições para a pós-vida útil de trabalho, na qual se insere o idoso, que é abandonado em muitos aspectos da vida em sociedade, especialmente pela família, e na

*Recebido em:
Aceito em:*

questão dos recursos financeiros para uma sobrevivência digna; que é esquecido quanto a serviços específicos nas áreas de geriatria e gerontologia, típicos de quem está num processo de envelhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: reinserção do trabalhador; idoso; comunidade; *cluster*

ABSTRACT

This essay focus on the reinsertion of aging worker, specialized worker, connected to the productive sector of micro, small and middle companies, with satisfaction and dignity in cluster, defined for this study as community. It advocates the acquired experience by aging people during the years as a knowledge multiplier, bringing as consequence the permanence of new generations on their communities, resulting on a sustainable development, and on a secondary but a still important way, the valorization and perpetuation of local culture. The study of this question is justified by necessity of a great commitment and effort from each society sector on creation of a new paradigm to the work, with the aging people reinsertion, together the young workers insertion. An effort which will preserve the competitiveness market benefits with clear rules and borders, keeping the human development and the equity as main objectives, which enlarges the child and the young formation focus to the market job, creating conditions to the post-life cycle, on which is the aging people, that is abandoned in many aspects of their life in society, specially by family, and about financial resources for a dignified survival.

KEY WORDS: worker reinsertion; aging people; community; *cluster*

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho foi lançado num beco sem saída. É preciso acionar os governantes dos países industrializados mais participantes para buscar soluções para o problema do emprego. Mas é preciso, também, dizer a verdade: os resultados são irrisórios. (DE MASI, 2003, p. 16)

Em um mercado de trabalho no qual o preconceito relacionado com a idade do idoso é fato concreto, o Brasil, em ritmo crescente, tem-se destacado pela longevidade de sua população, deixando de ser, gradativamente, um país de jovens. Paralelamente,

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos;
NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos
Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso
no Brasil: *clusters* é
uma alternativa?
Mimesis,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

se esse preconceito persistir, a exclusão dessa população ainda ativa do mercado de trabalho constituirá um grave problema de contornos ainda incalculáveis. Com base nas atuais projeções demográficas e nos estudos sobre o nível de expectativa de vida, percebe-se que tanto o Estado, entendido aqui estritamente como o formulador de diretrizes e ações para os idosos, quanto a sociedade organizada (terceiro setor, movimentos de base etc.) ou não e as comunidades de diferentes concepções – espalhadas pelo Brasil, comunidades de pescadores, comunidades de artesões, de cidades com vocações históricas para determinadas atividades econômicas, tais como industrialização especializada, agroindustrial e comercial, entre tantas outras, mas que o estudo delimitará, na análise de *cluster*, também identificada no Estado de São Paulo pela FIESP (2005) como *Arranjo Produtivo Local (APL)*, na qual podemos fixar uma análise mais centrada e restrita, sem deixar, entretanto, de ser representativa, e possuir um mercado de trabalho.

Pensado a partir da transição demográfica em curso, da participação cada vez maior dos idosos na composição da população, da longevidade e dos novos paradigmas fundados na concepção da velhice como condições multifacetadas e complexas, podem as micros, pequenas e médias empresas, localizadas em comunidades como *cluster* ou *arranjo produtivo local*, responder satisfatoriamente pela reinserção do trabalhador idoso de forma a contribuir com a produtividade desejada e necessária, e atuar junto ao jovem trabalhador em sua capacitação, respeitadas as limitações inerentes ao processo de envelhecimento?

Os números brasileiros sobre envelhecimento são alarmantes. Segundo os dados do relatório *Síntese de indicadores sociais* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001), em 25 anos a população de idosos poderá ser superior a 30 milhões de pessoas. Apesar de preocupantes, esses dados, com outro olhar e interpretação, poderão quebrar um paradigma hoje alicerçado no preconceito, em particular dos potenciais empregadores, para a não-contratação de profissionais com mais de 60 anos ou até a partir dos 50 anos. É possível tal situação ser revertida?

Sawaia, na obra *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social*, chega a qualificar essa situação como verdadeira desclassificação social:

Como a desclassificação social é uma experiência humilhante, ela desestabiliza as relações no seio da comunidade familiar que podem ser afetadas, pois é difícil para alguns admitir que não estejam à altura das pessoas que o cercam [...] a fragilidade pode levar a uma fase de dependência, já que a precariedade profissional, particularmente quando é

durável, acarreta uma diminuição de renda e uma degradação das condições de vida que pode em parte ser compensada pelos serviços sociais. (SAWAIA, 1999, p. 74-75)

Que serviços sociais são esses, em um Brasil desigual com péssima e precária distribuição de renda, sem mencionar a pré-falimentar assistência social?

Por mais que não desejemos admitir a relação de nossa sociedade com o idoso, “[...] com sua cultura de exclusão, deixa à parte esse outro que ninguém quer como espelho porque, talvez, anuncie a possibilidade do próprio futuro que cada um pode ter [...]” (MONTEIRO, 2001, p. 31-32).

Muitas vezes, não nos atemos aos significados das palavras e dos termos, entre eles, “técnica”, definido pelo *Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss* (2003, p. 502) como “[...] habilidade especial para se executar algo [...]”. Quantos idosos com capacidade produtiva possuem técnicas não formalizadas e documentadas que podem ser transmitidas de geração para geração, com efeito multiplicador, sem perda ou adequação de características diferenciadoras e sofisticadas para o contexto produtivo de certas comunidades? Em momento algum tal situação contrapõe-se ao observado por Kliksberg:

A humanidade chega ao final do século XX com progressos de enorme grandeza e profundidade em suas capacidades científicas, tecnológicas e produtivas. Produzem-se rupturas epistemológicas simultâneas em numerosos campos do conhecimento, que estão gerando modelos conceituais renovados para se compreender os fenômenos, e uma nova onda de tecnologia, baseadas em conhecimento de amplíssimas possibilidades [...] Contudo, o imenso potencial de capacidade produtiva não está se transformando em melhoria nas difíceis condições de vida de amplos setores do planeta. Existe uma brecha enorme entre esse potencial e a vida cotidiana. (KLIKSBERG, 2002, p. 23-24)

A reflexão a que somos conduzidos obriga a análise de qual técnica seria relevante para uma potente capacidade produtiva e rentável. Assim, o contexto de cada comunidade, ou seja, o local é fator determinante de tal relevância e do significado e ressignificado de técnica para dada ação produtiva e não exclusivamente uma sofisticada tecnologia para um país de primeiro mundo.

Em busca de uma melhor clarificação de análise, é importante observar que nem tudo deve, de forma leviana, ser creditado ao efeito da globalização econômica (entendida aqui por neoliberalismo); não que seus efeitos não foram e não são devastadores para as economias,

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos;
NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos
Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso
no Brasil: *clusters* é
uma alternativa?
Mimesis,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

em especial as dos países do terceiro-mundo como o Brasil: ela possui intencionalidade e é ideológica. No entanto, ao buscar caminhos, devemos descentralizar o debate sobre a globalização econômica e centrar nossa atenção na dimensão social, política e cultural; assim, teremos uma nova visão com alternativas múltiplas para a sociedade com todas as várias situações que se apresentam, criam-se e se multiplicam.

Segundo Santos (2002, p. 63), na obra *Globalização e as Ciências Sociais*, “[...] o global acontece localmente, e que não existe condição global para qual não consigamos encontrar uma raiz local [...] uma inserção cultural específica [...]” Temos, portanto, pela análise de Santos, um novo olhar sobre a comunidade e a cultura local, preservada, ativa e, ao mesmo tempo, inserida no global por meio de atividades econômicas.

Nessa medida, não é utópico pensar em comunidades voltadas para o desenvolvimento sustentável e para a valorização da cultura local, em que o idoso se torna elemento fundamental de inserção e ressignificação do trabalho, da globalização, da cultura e da dignidade e, ao mesmo tempo, da satisfação pessoal e do lazer, sentindo-se bem com tudo aquilo que faz, elevando sua qualidade social de vida. Para que tal fato ocorra, a comunidade deve ter outro significado, conforme a formulação feita por Silva (2003). A autora, por meio de uma perspectiva histórica, propõe estudar a retomada atual do conceito de comunidade, no limiar do século 21, nos quadros contraditórios da globalização:

Comunidade na perspectiva de articulação local global e de dimensão temporal/histórica entendida como um espaço de convivência, ou seja, de processos, vínculos e relações sociais heterogêneas, contraditórias, conflitivas e de cooperação, onde no cotidiano da vida interpessoal e intergrupar, de terem valores, sentimentos, redes de interesses e poderes diversos, que organizados e mobilizados, constroem/reconstroem subjetividade e intersubjetividades que levam ações coletivas participadas na concretização de objetos imediatos e mediadas comuns para a melhoria da qualidade de vida a todos, e na concretização de uma sociedade democrática radical (justa e solidária). (SILVA, 2003, anotação de aula)

Este ensaio parte do pressuposto que o trabalhador idoso, operário especializado, tem seu conhecimento construído e valorizado por uma somatória de elementos, entre eles, o período de tempo no exercício profissional, a educação formal e autodidata a que teve acesso, a cultura e o local que influenciaram sua vida ao longo de sua vivência na comunidade em que mora e trabalha, perpetuando, por sua ação multiplicadora, o conhecimento adquirido, transmitindo o mesmo aos jovens trabalhadores, que em

conseqüência não precisarão migrar das comunidades nas quais nasceram e cresceram para os grandes centros urbanos, nos quais os conflitos sociais transcorrem com muita evidência. As comunidades, *clusters*, que possuam micro e pequenas empresas cujos produtos quase artesanais elaborados com as técnicas adquiridas por tais trabalhadores ao longo dos anos possuem alto valor agregado quando comercializados e distribuídos com o auxílio positivo dos avanços proporcionados pela globalização econômica, entre eles o avanço da tecnologia da informação no gerenciamento da cadeia de suprimentos, que “[...] representa produtos ou suprimentos que se deslocam ao longo da seguinte cadeia: fornecedores, fabricantes, distribuidores, lojistas e clientes” (CHOPRA; MEINDEL, 2004, p. 4), de organizações do terceiro setor e da organização comunitária em rede.

Este artigo não possui a finalidade de questionar a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a Justiça do Trabalho, os encargos diretos e indiretos incidentes na remuneração do trabalhador formal, que proporcionam uma outra discussão sobre o chamado “custo-Brasil”, e os efeitos perversos do capitalismo nunca historicamente tão selvagem para a questão do trabalho, como aborda De Masi (2003):

O mercado de trabalho é implacável: num dos pratos da balança vão se empilhando desocupados à cata de emprego; do outro prato vão sumindo os postos de trabalho disponíveis. As pessoas em busca de trabalho aumentam por uma dezena de bons motivos: cresce a população global do planeta; aumentam as pessoas escolarizadas que querem ver frutificar o sacrifício investido no estudo; continua o êxodo dos camponeses para as cidades; também as massas assoladas do Terceiro Mundo querem trabalhar e não se encontram trabalho em suas pátrias [...] ainda, os anciãos, uma vez que a vida se prolongou e os deixa com boa saúde até poucos meses antes de morrer. (DE MASI, 2003, p. 16)

Trata-se, então, de lançar um novo olhar, um novo paradigma não assistencialista, mas concreto e viável no que se refere à extensão do uso, com produtividade contextualizada, dignidade, lazer, poder (local) e manutenção da cultura comunitária, via acúmulo de conhecimento e de técnicas do trabalhador idoso, sem que represente, entretanto, a perda de espaço para os jovens a serem incorporados ao mercado de trabalho. E tal análise sustenta-se no exposto feito por Oliven, sobre a realidade brasileira no que tange às limitações da sua política econômica como indutora na geração de emprego formal:

Dada entretanto a incapacidade da economia de países como o Brasil de oferecer empregos regulares a sua população urbana com idade de

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos;
NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47 - 67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos
Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso
no Brasil: *clusters* é
uma alternativa?
Mimesis,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47 - 67, 2006.

trabalhar, existe uma parte considerável da força de trabalho que sobrevive no chamado setor informal de trabalho [...] o trabalho “por conta própria” e de não implicar em disciplina e autoridade de trabalho, de servir pessoas que às vezes teriam dificuldade de obter empregos no setor formal de trabalho (mulheres, crianças, idosos, deficientes físicos etc.) e de permitir ter várias atividades simultaneamente (inclusive a de trabalhar no setor formal e no informal) (OLIVEN, 2002, p. 26).

Uma nova visão do trabalho, do papel produtivo do idoso, da cultura e do poder local proporcionará uma nova leitura da crise do sistema capitalista, conforme aborda Reale:

[...] a superação da crise do sistema capitalista depende tanto de providências econômicas quanto de determinações éticas e políticas, a fim de que não se assista ao drama de um mundo no qual cada novo progresso tecnológico imposta em redução nos postos de trabalho, com fria e inexorável conseqüência da redução do número de máquinas indispensáveis à produção [...], mas as necessidades vitais dos trabalhadores e de suas famílias que não podem aguardar indefinidamente os reajustes espontâneos pregados pelos mentores do neoliberalismo. (REALE, 2000, p. 15)

A visão do trabalho, com foco na comunidade e no poder local, como descrito por Silva (2003), conduz também, e obrigatoriamente, ao repensar da comunidade e de seus atores, como a reinserção do idoso no mercado de trabalho. Tudo faz parte de uma grande equação social e econômica, cujas variáveis não funcionarão em separado. Wanderley afirma que:

O princípio comunitário atravessa as sociedades e os tempos. À medida que forem surgindo as “sociedades de massa” que se formaram as concentrações populacionais em virtude da industrialização e da urbanização, que aconteceu à Primeira Guerra Mundial, várias correntes de idéias lançaram suspeitas sobre o mundo da ciência e da técnica, o declínio do Ocidente, o racional que estaria eliminando o vital e o efetivo. Ora, nada melhor então que a comunidade para salvaguardar a amizade, a intimidade, a partilha da vida, as relações pessoais. A família surge com o modelo de vida comunitária, mas a idéia de comunidade se estende à vizinhança, ao bairro, ao grupo social [...] (WANDERLEY, 1998, p. 127)

CLUSTER

Para o presente estudo, é usado o termo *cluster* e outros abordados como sinônimos, porém cabe ressaltar a observação de Santos:

No Brasil a experiência recente tem evidenciado, tanto no âmbito do debate acadêmico quanto da formulação de políticas públicas e de iniciativas empresariais, uma grande difusão de estudos e proposições baseadas na abordagem dos chamados *clusters produtivos*. Na verdade constata-se que a grande maioria dos casos de idéia de aglomeração de empresas pouco tem a ver propriamente com o conceito de *cluster produtivo*, constituindo-se, em meros agrupamentos de firmas, unidas por nexos muito frágeis e interesses difusos. A idéia de *cluster produtivo* envolve uma série de características e condicionalidades que extrapolam em muito a conotação que usualmente vem se difundindo no Brasil. (SANTOS, 2003, p. 1)

A abordagem sobre *cluster* não é tão recente. Porter (1999), um dos grandes estudiosos atuais do assunto, afirma que Marshall (final do século 19), abordou as localidades industriais especializadas em seu livro *Princípios de Economia*. Diz ainda que Weber, no final da década de 1920 e Lösch, na década de 1950, também abordaram o tema. A partir da década de 1970, a produção de literatura a respeito tornou-se abundante.

A Federação das Indústrias de Minas Gerais define *cluster* como:

[...] um conjunto de empresas e entidades que interagem, gerando e capturando sinergias, com potencial de atingir o crescimento competitivo contínuo superior ao de uma simples aglomeração econômica. Nele, as empresas estão geograficamente próximas e pertencem à cadeia de valor de um setor industrial. Essa interação das empresas gera, entre outros benefícios, redução de custos operacionais e dos riscos apresentados, aumento da qualidade dos produtos e serviços, acesso à mão-de-obra mais qualificada, atração de capital, criação de empreendedores e melhor qualidade de vida. (FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MINAS GERAIS, 2000)

Já a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP não faz o uso da expressão *cluster* e adota “Ação Regional: Arranjo Produtivo Local”. Como exemplo, podemos citar a cidade Mirassol, interior de São Paulo, com vocação moveleira, que é designada pela FIESP (2005) como *Arranjo Produtivo Local de Mirassol – Móveis*. Para que possamos verificar os resultados do *Arranjo Produtivo Local (APL)* de Mirassol, com base nos dados da FIESP (2005), as empresas da *APL* obtiveram ganho de produtividade de 13,4 %, descontado o efeito inflação. Em relação às exportações, 14 indústrias montaram um consórcio de exportação e outras 5 indústrias uniram-se para custear a viagem de um representante comum para África e Europa, onde foi feita a divulgação de mostruário e prospecção de clientes. Cabe ressaltar que as empresas adotaram compras cooperadas. A FIESP destaca na *APL* de

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos;
NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos
Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso
no Brasil: *clusters* é
uma alternativa?
Mimesis,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

Mirassol, um importante fator medido, que foi o aumento da relação entre receita e custos de materiais de 2,7%, explicado pela redução de desperdício de materiais ou pelo aumento na venda de produtos com maior valor agregado.

Em 7 de novembro de 2005, foi realizado na capital de São Paulo, na sede da FIESP, o *I Encontro de Arranjos Produtivos do Estado de São Paulo*, cujo objetivo foi o de divulgar os benefícios do projeto *APLS*, que a entidade desenvolve em vários pólos produtivos paulista em parceria com o Sebrae-SP. O programa atinge indiretamente 800 indústrias e 17.000 empregos, sendo atendidas, de forma direta, 200 indústrias micro, pequenas e médias, nos seguintes pólos industriais do interior de São Paulo: Vargem Grande do Sul: cerâmica estrutural; São José do Rio Preto: jóias; Mirassol: móveis; Ibitinga: cama, mesa, banho e bordados; Limeira: bijuterias; Itu: cerâmica estrutural; Tambaú: cerâmica estrutural e Tatuí: cerâmica estrutural.

Piore e Sabel (1984) produzem um trabalho no qual se abordou, pela primeira vez, a noção de especialização flexível como estratégia competitiva para que as empresas se adaptassem às rápidas mudanças com as quais os agentes econômicos passaram a se defrontar.

Altenburg e Meyer-Stamer (1999) definem *cluster* como uma aglomeração significativa de empresas em uma área especialmente delimitada que possui uma clara especialização produtiva, com um comércio eficaz entre elas.

Para Porter (1998), *clusters* são concentrações geográficas de empresas interconectadas de determinado setor de atividade e companhia correlatas, vinculadas por elementos comuns, sendo o seu todo maior do que a soma das partes. Eles se expandem diretamente em direção aos canais de distribuição e aos clientes e, lateralmente, em direção aos fabricantes de produtos complementares e empresas de setores afins. O conceito de *cluster* pode englobar também universidades, institutos de pesquisa, organizações não-governamentais e entidades comerciais, que proporcionam treinamento, informação, estudos e apoio técnico aos integrantes do aglomerado. Na análise ampliada de Porter (1998) é que podemos situar a existência do Curso Superior de Tecnologia.

É importante o observado por Hissa, que o tipo de desenvolvimento observado nos *clusters* é conhecido na literatura econômica e também entre sociólogos, geógrafos e antropólogos como a “teoria do desenvolvimento local”:

[...] um modelo de desenvolvimento que não se baseia simplesmente nas variáveis econômicas como taxas de juros, salários, inflação, déficit

público, câmbio etc. mas sim nas potencialidades de uma determinada região geográfica delimitada, levando-se em consideração, principalmente, os recursos naturais existentes, a vocação trabalhista e produtiva da comunidade e fatores sócio-culturais como: laços familiares, confiança entre agentes produtores, grau de relacionamento entre as empresas, cooperação interfirmas, costumes, tradições, religião, etnia, laços culturais [...] (HISSA, 2003, p. 1)

Assim observamos nos *clusters* que fatores sócio-culturais, vocação trabalhista e avanço tecnológico integram-se e não se excluem, o que reforça a possibilidade efetiva da reinserção do idoso no mercado de trabalho, da comunidade, aqui entendida como *cluster*.

***Cluster* – Objetivo**

O objetivo de um *cluster* é o ganho de eficiência coletiva, estabelecendo vantagem competitiva baseada na ação conjunta e em economias externas locais. Concentrações geográfica e setorial são sinais evidentes da formação de um *cluster*; porém não suficientes para gerar a eficiência coletiva. Para Amato Neto (2000), o conceito de eficiência coletiva é representado por um conjunto de fatores facilitadores. São eles:

- divisão do trabalho e da especialização entre produtores;
- estipulação da especialidade de cada produtor;
- surgimento de fornecedores de matéria-prima e de máquinas;
- surgimento de agentes que vendam para mercados distantes;
- surgimento de empresas especialistas em serviços tecnológicos, financeiros e contábeis;
- surgimento de uma classe de trabalhadores assalariados com qualificações e habilidades específicas;
- surgimento de associações para a realização de *lobby* e de tarefas específicas para o conjunto de seus membros.

Os fatores facilitadores demonstram a importância do trabalhador idoso, operário especializado, com sua reinserção no mercado de trabalho local, que é a comunidade.

A influência dos *clusters* sobre a competição

Para Porter (1998), a concorrência moderna depende da produtividade, que, por sua vez, depende do modo como as empresas concorrem e não dos campos em que concorrem. As empresas

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

podem ser altamente produtivas em qualquer setor se utilizarem métodos avançados aliados à tecnologia, ofertando produtos e serviços sofisticados. Entretanto, essas variáveis são altamente influenciadas pelas condições do ambiente empresarial local.

Para o autor, os *clusters* afetam a capacidade de competição de três maneiras principais:

– aumentando a produtividade de empresas sediadas na região: a participação em um *cluster* possibilita que as empresas sejam mais produtivas na aquisição de insumos, na contratação de mão-de-obra, no acesso às tecnologias, informações e instituições, no nível de coordenação com indústrias complementares e na melhoria de fatores de medição e motivação. As empresas participantes de um *cluster* podem utilizar-se de um *pool* de profissionais experientes e especializados, reduzindo custos de recrutamento. Os *clusters* tendem a se tornar atraentes para pessoas talentosas devido às oportunidades que oferecem. Já a aquisição de insumos é mais eficiente, pois há uma base sólida e especializada de fornecedores. Os custos totais das transações são reduzidos devido à aquisição de insumos no local. Como a comunicação com os fornecedores é melhor, estes podem proporcionar serviços auxiliares ou de apoio para os integrantes do *cluster*. Quanto à informação, podemos afirmar que os *clusters* acumulam grande quantidade de informações diversificadas, sendo o acesso preferencial aos seus integrantes. A complementação entre os membros do *cluster* pode fazer com que o bom desempenho de um aumente o êxito dos demais. A quantidade e a intensidade das interconexões empresariais fazem com que o *cluster* como um todo seja maior que a simples soma de seus integrantes. Além de todas essas questões, a concorrência local é altamente motivadora dentro de um *cluster*, mesmo entre empresas não-concorrentes ou concorrentes indiretas. Como os concorrentes locais compartilham as mesmas variáveis e executam atividades semelhantes, a medição e a comparação de desempenho ficam mais fáceis.

– indicando a direção e o ritmo da inovação, que sustentam o futuro crescimento da produtividade: o papel dos *clusters* na capacidade de inovação contínua das empresas é vital. Consumidores exigentes que fazem parte do *cluster* propiciam às empresas participantes uma vitrine mais adequada para o mercado do que os seus concorrentes isolados. O relacionamento permanente e a proximidade entre os membros do *cluster* possibilitam que estes saibam com antecedência informações estratégicas, como a evolução tecnológica do setor. Como vários fornecedores fazem parte do *cluster*, as empresas podem adquirir com rapidez tudo o que precisam para a implementação das inovações.

– estimulando a formação de novas empresas, o que expande e reforça o próprio *cluster*: novos fornecedores surgem em um *cluster* porque a base concentrada de clientes diminui seus riscos e facilita a descoberta de oportunidades de mercado. Participantes de um *cluster* tendem a perceber mais rapidamente as lacunas em produtos e serviços, o que é um excelente motivo para iniciar um novo negócio. As barreiras de entrada no mercado também tendem a ser menores do que em outras regiões e o custo de capital acaba sendo menor, pois as instituições financeiras e os investidores locais já estão mais familiarizados com o *cluster*.

O ciclo de vida de um *cluster*

Para Porter (1999), um *cluster* normalmente tem raízes históricas, podendo também surgir de necessidades locais específicas. A existência anterior de setores de fornecedores, setores afins ou mesmo de *clusters* inteiramente relacionados podem ser o impulso inicial para o nascimento de novos *clusters*. Estes também podem surgir de uma ou duas empresas inovadoras que estimulem a formação de outras. O *cluster* de Rio Verde (GO) é um bom exemplo desse último caso. Aproveitando a grande disponibilidade de grãos (milho e soja), entre outros fatores, a Perdigão implantou, em Rio Verde, o projeto Buritis, um complexo agroindustrial de 100.000 metros quadrados para a produção de carne de frango e suínos. Em seguida, uma série de outras empresas correlatas e prestadoras de serviços foi atraída para a região. No início, vieram fábricas de embalagens, frigoríficos, fornecedores de insumos, adubos, sementes, máquinas agrícolas, empresas de transporte. Os serviços de apoio, como hotéis, restaurantes, supermercados, revendedoras chegaram depois. Programas educacionais ligados à atividade começaram a ser disponibilizados na região, destacando-se a granja-escola e o Centro Tecnológico Comigo.

Um *cluster* em crescimento sinaliza oportunidades e seu sucesso atrai novos talentos. À medida que chegam fornecedores especializados, informações são acumuladas e pesquisas são desenvolvidas, a visibilidade e a força do *cluster* aumentam. Num próximo estágio, o *cluster* amplia-se, buscando englobar os setores relacionados. A evolução dos *clusters* é contínua, na proporção em que as instituições locais desenvolvem-se e modificam-se.

Já a decadência de um *cluster* pode ocorrer devido a descontinuidades tecnológicas, fato que pode neutralizar muitas

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

vantagens simultaneamente. Nesse caso, os recursos do *cluster* tendem a se tornar irrelevantes. A inflexibilidade interna às ameaças externas também é um ponto de vulnerabilidade para os *clusters*. Excessos de fusões, postura cartelista, endurecimento de regras sindicais são alguns exemplos dessas inflexibilidades internas. Para que possamos evitar a decadência de um *cluster* em um cenário de reinserção do idoso no âmbito do mercado de trabalho representado por ele, podemos supor que alguns dos fatores considerados sobre inflexibilidade interna serão fortemente neutralizados pela manutenção da cultura local, e não significa fator impeditivo à descontinuidade tecnológica, uma vez que na reinserção devemos prestar atenção na educação profissional tecnológica de graduação articulada com pós-graduação para os jovens trabalhadores com aumento de capacitação do relacionamento com o trabalhador idoso por processo de transferência de conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida profissional e com efeito a longo prazo na qualidade sobre as novas gerações de trabalhadores da comunidade. O que significa ter uma articulação de forma mais abrangente, que envolva esforços integrados das áreas da educação, do trabalho, da ciência e da tecnologia.

O Modelo Diamante de competitividade

Para Porter (1999), o *cluster* é uma derivação do Modelo Diamante, sendo mais bem visto como uma manifestação da interação entre suas quatro determinantes. Os componentes do modelo são:

- *condições de fatores*: dizem respeito aos fatores de produção, tais como recursos humanos qualificados, recursos físicos, recursos de conhecimento, recursos de capital e infra-estrutura necessários para competir em um determinado setor;
- *condições de demanda*: dizem respeito à natureza da demanda do mercado local para os bens e serviços do setor. A demanda interna determina o rumo da inovação pelas empresas do país;
- *setores correlatos ou de apoio*: são aqueles nos quais as empresas ao competirem podem coordenar ou compartilhar atividades na cadeia de valor ou ainda aqueles que envolvem produtos complementares;
- *estratégia, estrutura e rivalidade das empresas*: apontam as circunstâncias nacionais e o contexto nos quais as organizações são criadas, organizadas e dirigidas, bem como a natureza da rivalidade interna.

O autor afirma também que o Modelo Diamante afeta a competição de três maneiras:

- pelo aumento da produtividade das empresas ou indústrias constituintes;
- pela ampliação da capacidade de inovação;
- pelo estímulo a novos negócios que suportam a inovação e expandem o *cluster*.

Ao analisarmos o Modelo Diamante e a maneira que ele afeta a competição, identificamos a fortíssima influência do trabalhador idoso nas novas gerações sobre as *Condições dos Fatores*, gerando recursos humanos qualificados e melhorando os recursos de conhecimento dos *clusters*.

Porter enfatiza também o papel do governo como influenciador da competitividade internacional de uma nação, pois as ações governamentais podem melhorar ou piorar a vantagem competitiva de uma nação. O governo influencia e é influenciado pelos quatro determinantes do Modelo Diamante, que deve ser entendido como um sistema em que cada um dos determinantes influencia e depende do estado do outro. O efeito sistêmico exercido pelo Modelo cria um contexto que possibilita a existência dos aglomerados de indústrias competitivas.

Clusters no Brasil

No Brasil, podemos identificar vários *clusters* de sucesso, alguns deles já fortemente consolidados. São exemplos dignos de nota o *cluster* de tecnologia aeronáutica, em São José dos Campos (SP); o de cristais, em Santa Catarina; o automobilístico, no ABC Paulista; o de grãos, aves e suínos, em Rio Verde (GO); o de calçados, em Novo Hamburgo (RS); o de semijóias, em Limeira (SP); o de Cama, Mesa e Banho, em Santa Catarina; o de turismo, na região do Sauípe (BA), e de fruticultura, no Vale do São Francisco (Petrolina – PE e Juazeiro – BA). Deve-se notar a presença e a importante contribuição de cursos superiores de tecnologia nesses *clusters*, ofertados por meio de Faculdades de Tecnologias Estaduais, Centros Federais de Educação Tecnológica e Instituições Privadas de Ensino Superior.

O *cluster* situado no Vale do Rio São Francisco, na divisa entre os estados de Pernambuco e Bahia, em torno das cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), é o maior pólo exportador de frutas do Brasil, faturando US\$ 90 milhões no mercado externo. Em 2002, 93% da uva e 90% da manga exportada pelo Brasil saíram de lá. É

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

interessante dizer que o atual sucesso nasceu do corte da ajuda federal. Os subsídios que a região recebia desde 1948 tornaram-se raros a partir de 1990. Foi então que os empresários e as lideranças políticas locais resolveram investir os próprios recursos, aproveitando a infra-estrutura de irrigação construída pelo governo. Realizaram, assim, o mapeamento dos períodos de entressafra do hemisfério norte. Com auxílio do Sebrae e da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), desenvolveram tecnologia para induzir a floração e passaram a concentrar as colheitas nesses períodos.

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco (Cefet-PE) está presente em Petrolina, oferecendo vários cursos técnicos e três cursos superiores de tecnologia relacionados à vocação do *cluster*: tecnologia em alimentos de origem vegetal, tecnologia em fruticultura irrigada e tecnologia em viticultura e enologia. O Senai também se encontra na região por meio de seu Centro Regional de Tecnologia em Alimentos – CERTA, oferecendo cursos técnicos na área de alimentos. Também é importante ressaltar que não basta formar profissionais para atender às necessidades da realidade local, a fruticultura, mas também oferecer cursos relacionados a outras atividades de apoio, tais como: logística empresarial, em face de complexa cadeia que se estabelece para deslocar as frutas do sertão nordestino brasileiro para um dado país do Mercado Comum Europeu; de marketing internacional, pois múltiplos países que compram as frutas o fazem em épocas distintas e possuem características culturais e hábitos de compra e consumo diferenciados; de gestão empresarial, com características específicas e sofisticadas; de produção, não somente a relativa ao campo, que já é sofisticada e diferenciada por usar a tecnologia de canais irrigados (experiência pioneira em irrigação em áreas de seca no Brasil); até o processo final de limpeza, normas sanitárias, impacto ambiental e de embalagens, com equipamentos específicos e de última geração; de administração financeira; de gestão de custos e orçamento.

Assim, podemos verificar que um *cluster*, por meio da identificação principal do produto ou do serviço que o caracteriza, necessita de capacitações diferentes e, em muitos casos, únicas, as quais deverão ser desenvolvidas com ênfase no *saber fazer* na qual o trabalhador idoso contribui de duas formas, com ação imediata nos processos produtivos e na transferência de conhecimento para novas gerações que, em conjunto com a educação profissional que os jovens trabalhadores irão adquirir, gerará profissionais cada vez mais especializados.

Segundo Bacal (2001), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – realizou estudos por meio de seu Cadastro Empresarial (CEMPRE), demonstrando que as regiões brasileiras estão se especializando industrialmente. As indústrias brasileiras concentram-se por categorias de uso e aproximam-se em busca de economia e competitividade. Esses estudos demonstram a seguinte situação:

- Região Norte: produção de bens duráveis e semiduráveis;
- Região Nordeste: produção de bens intermediários e surgimento de bens semiduráveis;
- Região Centro-Oeste: produção de bens não-duráveis;
- Região Sudeste: produção de bens intermediários e não-duráveis;
- Região Sul: produção de bens de capital e não-duráveis.

Para Porter (1999), o desenvolvimento de *clusters* eficientes é vital para que países pobres e em desenvolvimento ultrapassem a etapa de fornecedores de mão-de-obra barata e recursos naturais para o mercado mundial. Para isso, é fundamental melhorar os níveis de educação e capacitação, desenvolver tecnologia, aperfeiçoar as instituições e possibilitar o acesso aos mercados de capitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esforços e os comprometimentos de todos os setores da sociedade devem levar em consideração que impactos em ordem crescente são esperados nas áreas social, econômica, cultural, política e da saúde. Toda a sociedade, sem exceção, será afetada pelo envelhecimento populacional, fenômeno de caráter multidisciplinar que deverá ser analisado e estudado por diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, outros fatores também devem ser considerados, a despeito de estarem inseridos nas áreas já citadas, devido ao impacto que provocam, com risco de elaborarmos uma análise incompleta e inconsistente, entre eles está a flexibilização do trabalho que refere-se à redução dos postos de trabalho, graças aos avanços da tecnologia e da informação, à terceirização, ao trabalho fixo, ao regime parcial de tempo de trabalho, ao trabalho temporário e ao agora denominado “*trabalhador do conhecimento*”. Essas são as novas alternativas que estão flexibilizando o trabalho e o tradicional paradigma a ele associado.

Outro fator importante a ser considerado é a diminuição geral do tempo de serviço já a partir dos 50 anos de idade do trabalhador. Castells, diz que [...] o desafio real da nova relação entre trabalho e

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

tecnologia não diz respeito ao desemprego em massa [...] mas à diminuição geral do tempo de serviço para uma proporção substancial da população. (2002, p. 538)

Se de um lado, e graças aos avanços das ciências e da tecnologia, a globalização econômica contribuiu para o expressivo aumento na expectativa de vida, de outro lado, ela fragilizou o poder e a capacidade de administração do Estado-Nação; privilegiou países em desenvolvimento em detrimento daqueles “*em desenvolvimento*”, ou “*emergentes*” (subdesenvolvidos). Privilegiou o capital e não o trabalho, gerou excluídos¹ e, mais do que tudo, forjou governos sem definição do seu novo papel em uma sociedade em rápido e incerto processo de transformação.

Estamos vivendo um processo de ampliação da expectativa de vida da nossa população e teremos que cuidar do envelhecimento, não mais como se estivéssemos tratando de “algo novo” na vida de uma pessoa, isto é, como fases estanques, a criança, o jovem, o adulto e o idoso (*velho*), mas dentro de uma visão ampla e sistêmica. Se não trabalharmos o todo, não conseguiremos solução para as partes, ou seja, para momentos diversos da vida.

Para Castells, afirmações como “havendo uma economia global, também deve existir um mercado de trabalho e uma força de trabalho global”, induzem ao erro qualquer avaliação mais ampla sobre determinada questão, como economia e trabalho. O autor afirma que embora o capital flua livremente nos circuitos eletrônicos das redes financeiras globais, o trabalho é delimitado por aspectos como instituições, culturas, fronteiras e xenofobia (CASTELLS, 2002). Em matéria publicada no jornal *A Folha de São Paulo*², baseada segundo dados do economista David Kuprfer da UFRJ, podemos encontrar:

A modernização tecnológica no Brasil a partir da abertura econômica, em 1990, resultou na eliminação de 10,7 milhões de empregos [...] A criação de 3,24 milhões de empregos em 11 anos não é nada, se considerarmos que 1,5 milhões a 1,8 milhões de pessoas entram no mercado de trabalho por ano no Brasil.

Em *A Próxima Sociedade*, Drucker (2003) diz que estamos começando a prestar mais atenção no rápido crescimento da população de idosos e no rápido encolhimento da mais jovem;

1 Não mais e somente aqueles identificados como abaixo da linha de pobreza, mas excluídos do mercado de trabalho formal, excluídos da tecnologia e do conhecimento, excluídos do amparo social de governos com graves crises financeiras.

2 Edição de 18 de janeiro de 2004.

assim, desde que a saúde permita, pessoas com mais de 70 anos continuarão trabalhando. Mas já sabemos que a partir dos 50 anos não estarão trabalhando conforme o padrão de tempo integral que hoje conhecemos.

Não podemos mais olhar o idoso como um fato consumado de exclusão, por fator biológico ou por fator precoce, por conta de um mercado de trabalho preconceituoso e ‘miope’, que fixa patamares de 40 ou 50 anos para o fim da etapa produtiva do trabalhador. É necessário também abandonar a visão puramente assistencialista dos projetos e programas voltados a essas faixas etárias, pois elas, apesar de necessárias em algumas situações – instituições asilares, ações médico-geriátricas, aposentadorias, por exemplo –, em vez de proporcionarem um melhor padrão de vida a quem sempre trabalhou, resultam em perda da sociabilidade, quando não em “morte social” motivada por uma sociedade totalmente alheia e despreparada para a questão.

Dessa maneira, é na comunidade, aqui entendido como *cluster* ou *arranjo produtivo local*, que podemos encontrar condições de compatibilização de sobrevivência para o trabalhador, com a reinserção do trabalhador idoso, operário especializado, no mercado de trabalho, com dignidade e qualidade de vida necessária e manutenção da cultura local, assim, podemos formular a seguinte hipótese:

No contexto de uma sociedade que experimenta um rápido envelhecimento de sua população e que não vem encontrando soluções adequadas para as demandas e as necessidades dos idosos, quer no âmbito do Estado, quer no da sociedade civil nos moldes atuais, as micros, pequenas e médias empresas em comunidades, identificadas como *cluster* ou *arranjo produtivo local*, preenchem um vazio, desempenhando a importante função de promover a inclusão social dos idosos, criando um novo paradigma não assistencialista, mas concreto e viável no que se refere à extensão do uso, com produtividade contextualizada, dignidade, lazer, poder (local) e manutenção da cultura comunitária, via acúmulo de conhecimento e de técnicas do trabalhador idoso, sem que represente, entretanto, a perda de espaço para os jovens a serem incorporados ao mercado de trabalho.

Essa hipótese dialoga com o pressuposto de que as micros, pequenas e médias empresas de comunidades (*cluster* ou *arranjo produtivo local*) podem ser agentes de reinserção do trabalhador idoso, considerando as características múltiplas inerentes ao processo de envelhecimento: econômicas, demográficas, socioculturais e familiares, dando a dignidade humana necessária ao idoso, por meio de ações complementares, não conflitantes, mas

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

sinérgicas, com as do Estado, no campo social, por meio de ações de responsabilidade social.

REFERÊNCIAS

ALTENBURG, T.; MEYER-STAMER, J. How to promote clusters: policy experiences from Latin America. *World Development*, v. 27, n. 9, Sept. 1999.

AMATO NETO, João. *Redes de Cooperação Produtiva e Clusters Regionais*. Oportunidades para as Pequenas e Médias Empresas. São Paulo: Atlas, 2000.

BACAL, Cláudio. O setor de ponta é concentrado e fatura mais. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 5 fev. 2001, pág. A-4.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL. *Porte de empresa*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/clientes/porte/porte.asp>>. Acesso em: 1 jun. 2005.

CAIXETA, Nely. A explosão do Turismo. *Revista Exame*, São Paulo, 7 março 2001, p. 41-59.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CHOPRA, Sunil; MEINDL, Peter. *Gerenciamento da cadeia de suprimentos – estratégia, planejamento e operação*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DRUCKER, Peter. *A administração na próxima sociedade*. São Paulo: Nobel, 2002.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Cresce Minas: um projeto brasileiro*. Belo Horizonte: FIEMEG, 2000.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Ação regional*. São Paulo: FIESP, 2005. Disponível em: <http://www.fiesp.com.br/industria_e_desenvolvimento/secao2/secao3/index.asp?id=2389>. Acesso em: 1 jun. 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tecnologia cortou 10,8 milhões de empregos. *Caderno Folha Dinheiro*, São Paulo, 18 jan 2004.

HISSA, Hélio Barbosa. *Distritos industriais (ou clusters) como estratégia de desenvolvimento econômico local para o Brasil*. economianet, 2003. Disponível em: <<http://www.economiabr.net>>. Acesso em: 1 jun. 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da língua portuguesa* – míni. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

_____. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/-assistente_social/hoke.htm/> . Acesso em: 1 jul. 2004.

KLIKSBERG, Bernardo. *Repensando o estado para o desenvolvimento social* – superando dogmas e convencionalismos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, João Gabriel. Os Tigres Brasileiros. Economia e Negócios. *Revista Veja*, São Paulo, Editora Abril, p. 102 - 104, 7 maio 2003.

MASI, Domenico de. *O futuro do trabalho* – fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Envelhecer* – histórias – encontros – transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIORE, M.; SABEL, C. *The Second Industrial Divide*. New York: Basic Books, 1984.

PORTER, Michael E. *Vantagem Competitiva das Nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

_____. *Clusters and the new economics of competition*. Boston (MA): Harvard Business Review, nov./dez. 1998.

_____. *Competição*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REALE, Miguel. *Crise do capitalismo e crise do Estado*. São Paulo: Senac, 2000.

SALLES, Ricardo Henrique. *Plano de negócios para cooperativas e associações*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Valdeci Monteiro dos. Notas conceituais sobre a abordagem de clusters produtivos. *Revista Espaço Acadêmico*, Ano III, n. 27, ago. 2003.

SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão* – análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, M. Lúcia da. *Conceito de comunidade*. Anotações de aula: Comunidade e poder local: reconfigurações e

FOGUEL, Flávio Henrique dos Santos; NORMANHA FILHO, Miguel Arantes Normanha. Trabalhador idoso no Brasil: *clusters* é uma alternativa? *Mimesis*, Bauru, v. 27, n. 1, p. 47-67, 2006.

FOGUEL, Flávio
Henrique dos Santos;
NORMANHA
FILHO, Miguel
Arantes Normanha.
Trabalhador idoso no
Brasil: *clusters* é uma
alternativa? *Mimesis*,
Bauru, v. 27, n. 1,
p. 47-67, 2006.

resignificações. São Paulo: PUC-SP, 30 maio 2003.

SITE do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 jul. 2004.

SOUZA, Cesar. *O valor dos clusters* – a experiência de Rio Verde
deve servir de modelo para o país. *Revista Exame*, São Paulo,
Caderno Especial Goiás em Exame, p. 17-18, abril 2003.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. *Metamorfozes do
desenvolvimento de comunidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

